

Relato de Experiência

O Teatro do oprimido como instrumento de intervenção da psicologia social

Carla Silva Luna¹ orcid.org/0000-0002-5504-7987

José Anilson Xavier Filho² orcid.org/0000-0002-0134-7124

Andrezza Priscylla Vieira Gomes Pena³ orcid.org/0000-0003-2583-3589

¹⁻³Centro Universitário UNIFAVIP I Wyden. Caruaru, Pernambuco, Brasil

E-mail: krlinha.luna@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo vem discutir como as estratégias do teatro do oprimido podem ajudar no processo de ensino-aprendizado dos alunos do curso de psicologia do Centro Universitário UNIFAVIP I Wyden, fazendo análise com a Educação do Oprimido, como é realizada esta união entre teatro e educação. Utilizando esta junção para abordagem a temas polêmicos com a violência enfrentados pela mulher dentro da sociedade brasileira. Utilizando a prática do teatro como instrumento de intervenção de psicologia social, fazendo uso das técnicas da psicologia educativa e promovendo aos alunos do curso de extensão recursos e condições para o acompanhamento e realização de intervenções junto aos grupos que estejam sendo monitorados e tratados dentro da temática de violência. O grupo também aborda outras temáticas como bullying, depressão, violência infantil, medos e fobias, porém o artigo irá apresentar relatos em específico sobre violência feminina e como através das apresentações, os casos são tratados com maior empatia e cuidado.

Palavras-chave: Teatro; oprimido; transformação; educação; violência.

ABSTRACT

The present article discusses how the strategies of the theater of the oppressed can help in the teaching-learning process, along with psychology students of UNIFAVIP I Wyden University Center. It also analyses the Education of the Oppressed, as a bridge between theater and education. It is using this junction to approach controversial issues like the violence faced by women within Brazilian society - adding to that the importance of the practice of theater as an instrument of intervention in social psychology. Exercising techniques of educational psychology and promoting the students of the extension course resources and conditions for the monitoring and implementation of interventions for groups that are being monitored and treated within violence. The group also deals with other topics, such as bullying, depression, child violence, fears, and phobias, but the article will present specific reports on female violence, as, through the presentations, are the cases treated with greater empathy and care.

Keywords: Theater; oppressed; transformation; education; violence.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa é promover uma análise dos efeitos educativos e sociais, que são gerados pela utilização das técnicas do Teatro e da Educação do Oprimido, através da análise da metodologia do Teatro do Oprimido de Augusto Boal e teorias que fundamentam a educação de combate a violência feminina, com dados obtidos através de pesquisas documentais e bibliográficas e observação e entrevista nas atividades acadêmicas desenvolvidas pelo grupo de alunos e professores do curso de extensão de psicologia do Centro Universitário UNIFAVIP I Wyden e quais reações e percepções dos envolvidos no projeto.

Utilizando para a investigação a metodologia descritiva qualitativa, com base num estudo fenomenológico, uma vez que os sujeitos da investigação são observados, relatando as suas experiências em entrevistas, sendo assim, elaborado um instrumento para o roteiro e realização das entrevistas e para avaliação do processo de intervenção do grupo com a apresentação do Teatro do Oprimido. Observação e análise das apresentações, onde acontecem, público que participa das intervenções e a lição que os alunos do projeto desenvolvem através da técnica.

Selecionamos para a nossa investigação as variáveis: o professor que implementou o projeto no Centro Universitário e um aluno participante do projeto de extensão, que utiliza a técnica em alguns grupos de intervenções com temáticas de abordagem complexas e que precisam expressar de forma real as dores, limitações, trazendo o espectador a realidade do que está sendo tratado.

O processo de análise tem envolvido a articulação entre os objetivos do trabalho, as informações e observações e o referencial teórico pesquisado. As referências pesquisadas das ações relatam experiências relacionadas com intervenções sociais, em um espaço onde exista situações de desconforto social e opressão, sendo relatado através de um dos casos com maior ênfase a opressão feminina.

A violência contra a mulher, que ocorre no âmbito doméstico, conjugal ou familiar, é a mais frequente forma de violência de gênero. Este fenômeno é hoje mundialmente reconhecido pelos organismos de Saúde e de Direitos Humanos como um problema social grave com sérias consequências para a saúde e qualidade de vida das mulheres. Esta violência pode ser encontrada numa forma de relação pessoal, política, social e cultural, pode ser resultante de interações sociais; ou ainda, pode ser um componente cultural naturalizado.

Assim, evidenciando o quanto é significativo trabalhar as técnicas do Teatro e da Educação do Oprimido para o desenvolvimento educacional destes alunos, a fim de causar empatia com temáticas como a violência feminina e como os jovens podem ajudar aos envolvidos a desenvolver empatia e respeito pelos expectadores-ouvintes do projeto.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O teatro do oprimido como instrumento de práticas pedagógicas

Segundo Boal¹, o teatro pode ser uma arma de libertação, de transformação social e educativa. O termo: Teatro do Oprimido refere-se explicitamente a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, o

aspecto pedagógico desse teatro aparece em primeiro plano. O projeto destaca-se com força e impõe-se através de um processo análogo ao que deu luz à Pedagogia da Libertação de Paulo Freire.

A técnica teatral é empregada como um método de educação popular, que contribui para a compreensão do indivíduo e contextualização dos fatos sociais. Nem sempre os canais formais de participação social, são suficientes para detectar as demandas da população. No ambiente formal das reuniões, nem sempre as pessoas se sentem desinibidas para se manifestarem, o que prejudica a discussão de temas importantes. Promover a participação popular exige a procura de novas linguagens que favoreçam ao diálogo entre governo e população, criando novos espaços onde a expressão criativa dos indivíduos seja estimulada. A participação popular é um componente fundamental para consolidação da democracia. Para que esta participação se torne efetiva, é necessário um trabalho educativo que ajude a população a entender os aspectos envolvidos nas relações de poder. Na vida cotidiana, observamos situações de opressão, discriminação e preconceitos não discutidos e, muitas vezes, não resolvidos.

O Teatro do Oprimido, através da prática de jogos, exercícios e técnicas teatrais, procura estimular a discussão e a *problematização* de questões do cotidiano, com o objetivo de fornecer uma maior reflexão das *relações de poder*, através da exploração de histórias entre *opressor e oprimido*. Tem sido utilizado como ferramenta de participação popular, como uma forma de discussão dos problemas públicos, constituindo também um instrumento de educação informal de participação popular, ao estabelecer

temas para a discussão coletiva, envolvendo a população no debate das questões públicas, o Teatro do Oprimido, estimula também a criatividade e a capacidade de propor alternativas para as questões do cotidiano.

O teatro popular para Boal², é uma estratégia de educação não formal, que propicia o desenvolvimento, a criação artística e o acesso cultural para as comunidades. Não trata exclusivamente dos chamados temas políticos, nenhum tema é estranho ao teatro popular, porém alguns são prioritários, dando maior relevância aos temas políticos e sociais.

O Teatro do Oprimido, segundo Boal¹ “é uma forma de manifestação de teatro popular. O teatro do oprimido não é o teatro para o oprimido: é o teatro dele mesmo”. Não é o teatro no qual o artista interpreta um papel de alguém que ele não é: é o teatro no qual cada um, sendo quem é, representa seu próprio papel (isto é, organiza e reorganiza sua vida, analisa suas próprias ações) e tenta descobrir formas de liberação. O teatro do oprimido não é um teatro de classe, é um teatro das classes oprimidas e dos oprimidos, no interior dessas classes.

Atesta Boal¹ o oprimido e espectador são conceitos quase sinônimos ligados e intermediados pelo diálogo. Que as sociedades tendem a exercer uma relação de aparente diálogo, na verdade um monólogo, presente nas relações humanas. Os pressupostos conceituais do Teatro do Oprimido giram em torno de cultura, cidadania e opressão em uma sociedade dividida em classes sociais.

Para Boal é um movimento teatral e modelo de prática cênico-pedagógica que possui características de militância e destina-se à mobilização do público, vinculando-se ao teatro de resistência. Que o “oprimido” seria aquele indivíduo

“despossuído do direito de falar, do direito de ter a sua personalidade, do direito de ser”³.

Os dois principais objetivos do Teatro do Oprimido definido por Boal são:

- Transformar o espectador, de um ser passivo e depositário, em protagonista da ação dramática;
- Nunca se contentar em refletir sobre o passado, mas se preparar para o futuro.

Boal atesta que a metodologia proporciona uma preparação do indivíduo para ações reais na sua existência cotidiana e social com vistas a uma liberação. Basicamente, o “espectador” é incentivado a interromper a ficção observada, sempre que julgar “falsas, ou irreais, ou mistificadoras ou ineficientes ou idealistas” as soluções vistas em cena, situando-se este teatro, portanto, nos limites entre ficção e realidade, e o “espectador” entre pessoa e personagem. Nesse teatro, o indivíduo representa o seu próprio papel, analisa suas próprias ações, questiona e reorganiza a sua vida dentro de uma nova visão de mundo.

As técnicas desenvolvidas pelo Teatro do Oprimido são: Teatro Imagem, Teatro Jornal, Teatro Invisível, Teatro Legislativo e Teatro-Fórum.

O Teatro Imagem é um conjunto de técnicas que transformam questões, problemas e sentimentos em imagens concretas. Busca-se a compreensão dos fatos através da linguagem das imagens.

Já o Teatro Jornal é um conjunto de nove técnicas que dinamizam notícias de jornal, dando-lhes diferentes formas de interpretação.

O Teatro Invisível é uma técnica de representação de cenas cotidianas onde os espectadores são reais participantes do fato ocorrido, reagindo e opinando

espontaneamente na discussão provocada pela encenação.

O Teatro Legislativo é uma experiência sociocultural que visa à produção de propostas de propostas: legislativas e /ou jurídicas, a partir da intervenção do público em espetáculos de Teatro Fórum. É a forma de implantar o conteúdo político do Teatro do Oprimido. A partir dos problemas cotidianos da população, é feito um levantamento de informações para a elaboração de leis. Os grupos populares montam peças de Teatro Fórum e as apresentam para diversos públicos. As intervenções realizadas pela plateia no Teatro Fórum são anotadas em relatórios. As análises destes relatórios são a base para a formulação de novas leis.

Os “ensaios” são entendidos como reunião político-cultural, faz parte o diálogo intergrupos com outras comunidades e os festivais, para conhecerem a opressão dos demais e se solidarizarem: “devem conhecer e reconhecer e trocar ideias, informações e sugestões, informes, propostas, isto é, fazer política”³. A dinâmica envolve um animador-líder, o Curinga, em oficinas de duas horas ou de anos, a depender da necessidade e objetivos dos interessados.

No Teatro Fórum, como técnica teatral, é uma pergunta feita pelo elenco aos espectadores. É apresentado um problema objetivo, através de personagens opressores, que entram em conflito por causa de seus desejos e vontades contraditórias. Nesta luta por seu objetivo, o oprimido, necessariamente, fracassa e os espectadores devem ao representar suas alternativas para os problemas encenados, através da intervenção direta no espetáculo, substituindo o personagem oprimido.

No final da representação, Boal e sua equipe explicam que não estão de acordo com o que foi representado e se eles não apresentaram soluções melhores, é porque não as conhecem. A trupe, como é denominada a equipe, propõe-se a reapresentar a peça. Porém, dessa vez, quando um espectador considerar que um dos personagens "age" favorecendo a opressão, pode gritar "Stop!" e substituí-lo. Em cena, os outros atores improvisarão com ele a solução proposta.

Nas comunidades, os tópicos usualmente abordados pelo Teatro do Oprimido são aqueles vividos no cotidiano: saúde e prevenção de doenças, discriminação social, violência, uso indevido de drogas, trabalho, relação familiar, relações sociais de gênero, meio ambiente e educação. Propõe a mobilização da população para discussão do orçamento participativo, incentivando a presença nas ações governamentais e também na formulação de leis, fazendo com que a população apresente propostas de lei de forma criativa. Constitui-se em instrumento facilitador da discussão dos problemas sociais.

As técnicas do Teatro do Oprimido podem ser utilizadas por qualquer grupo, pois permite a troca de informações e experiências na medida em que os problemas vão surgindo no decorrer da encenação.

Violência de gênero: mulher o sexo “frágil”

Segundo Oliveira e Araújo⁴, a violência é uma realização determinada nas “relações de força”. “Força”, para a autora, implica na ausência de poder, baseada em relações de exploração econômica, dominação política, exclusão cultural, sujeição ideológica, coação física e psíquica. Analisam a violência sob dois

aspectos: como a conversão de uma diferença ou assimetria em uma relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, exploração e opressão, e como uma ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. A diferença entre força e violência é que a primeira deseja a morte ou supressão imediata do outro, ao passo que na segunda, o que se deseja é a sujeição consentida ou a supressão midiaticada pela vontade do outro, que consente em ser suprimido na sua diferença.

Para as autoras é importante diferenciar violência e poder. Estes dois termos são frequentemente usados indiscriminadamente, talvez pelo fato de que, quando se fala em poder, fala-se do domínio que uma pessoa exerce sobre a outra. Na compreensão das autoras, poder é a capacidade coletiva para tomar decisões, sendo expressão de justiça, espaço de criação de direitos e garantia do justo pelas leis. Ele está ligado à possibilidade humana não apenas de agir, mas de agir em conjunto. O poder não é propriedade de um indivíduo – o poder costuma pertencer a um grupo e, para ser usado, este grupo deverá estar unido.

Para Oliveira e Araújo⁴, a violência advém do ódio e este aparece apenas onde existe razão (reagimos com ódio porque nosso senso de justiça é ofendido, mas não reagimos assim diante de uma doença incurável. Recorremos ao uso da violência porque é tentador, dado seu imediatismo, entretanto, isso não torna o ódio ou a violência situações irracionais.

Deste modo, o ódio e a violência seriam emoções “naturais” do ser humano e extirpá-los seria equivalente à castração ou desumanização, já que “a ausência de emoções nem causa nem promove a racionalidade”. A violência, assim, seria sempre de natureza instrumental,

dependendo da orientação e justificação pelo fim que almeja. Ela jamais é legítima, ainda que possa ser justificável por quem a prática. Diferente do poder, que depende de números (grupo), a violência depende dos implementos que amplificam o vigor humano.

Esta relação entre poder e violência também é teorizada por Foucault (apud Oliveira e Araújo⁴, para quem o poder não é da ordem do consentimento ou da violência - não é em si renúncia da liberdade; não é o poder de todos e de cada um delegado a alguns. Para Foucault, uma relação de poder se estabelece sobre dois elementos indispensáveis: que “o outro” (aquele sobre o qual o poder se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito da ação, diferente, portanto, da relação de violência, que relega tudo à passividade, tentando destruir qualquer forma de resistência. Ainda assim, cabe salientar que o funcionamento das relações de poder não dispensa o uso da violência e a aquisição do consentimento. O poder só pode ser exercido sobre “sujeitos livres”, entendendo-os como sujeitos, individuais ou coletivos, que possuem diante de si um campo aberto de condutas. Deste modo, é necessário que haja liberdade para que o poder seja exercido. Na concepção de Foucault uma relação de poder é uma “ação sobre ações”, ou seja, o poder é uma maneira de estruturar o campo de ação possível dos outros, sendo este um de seus objetivos.

Oliveira e Araújo⁴ citam que a palavra “gênero” vem sendo usada pelas feministas há mais de duas décadas, como uma maneira de referir à organização social da relação entre os sexos e como forma de resistir ao determinismo biológico implícito, além de

ênfatar o caráter social das diferenças baseadas no sexo: é uma maneira de aludir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres, sendo, desta forma, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

É a forma com que as características sexuais são representadas e valorizadas que vão dizer sobre o feminino e o masculino (e não as características sexuais *per si*). O gênero, então, é forjado no âmbito das relações sociais, e o que se deve observar é o modo como ele funciona nessas relações, o sentido que ele dá à organização e à percepção do conhecimento histórico.

Além disso, o seu uso rejeita as explicações biológicas, como aquelas que tentam atribuir a subordinação das mulheres à reprodução e à “superioridade” dos homens à sua força muscular. Fala dos “sistemas de significação” como uma forma de compreender as maneiras como as sociedades representam o gênero, utilizando-os para articular regras de relações sociais ou mesmo para construir o sentido da experiência.

O que as teorias feministas propõem é a desconstrução dos dualismos atribuídos ao “sexo feminino” e ao “sexo masculino”, além de fazerem a leitura da naturalização de aspectos sociais antes fundidos com os aspectos biológicos nestas duas categorias, o que implica em dizer que “anatomia não é destino” e que o corpo feminino não determina a condição social da mulher. Para essas autoras, existem dispositivos específicos que contribuem para regulação social de gênero, como os dispositivos legais, institucionais, militares, educacionais, sociais, psicológicos e psiquiátricos.

O gênero é construído tenuamente através do tempo, por meio de uma repetição incorporada pelos gestos, movimentos e estilos. Qualquer verdade sobre o gênero resultaria, portanto, numa ficção reguladora. Podemos então pensar a violência como surgindo dentro desse constructo que interpreta o que é ser homem e o que é ser mulher, atribuindo-lhe papéis, expectativas e normas a serem seguidas.

Como um fenômeno complexo, articula relações de poder, dominação e submissão, geradas dentro desse sistema sexo/gênero. Assim, podemos afirmar, de acordo com Rubin⁴, que a opressão das mulheres não é inevitável, mas indica um modo das relações sociais específicas que organiza sexo e gênero. A parcela feminina participaria ora mais, ora menos da capacidade de impor a sua vontade.

No exercício da função patriarcal, conforme Saffioti⁵, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização para punir o que se apresenta como desvio para eles, tendo, assim, o direito a exercer uma “função corretiva” sobre aqueles que estão sob seu domínio. Desta forma, estão permanentemente autorizados a realizar o projeto de dominação-exploração das mulheres, mesmo que utilizem, para isso, da força física. Apenas os excessos destes castigos físicos são codificados como tipos penais. Saffioti⁵ ilustra esse fato com os casos de lesão corporal dolosa (LCD) em que o autor está sujeito à punição somente se a violência deixar marcas no corpo da vítima. Se isso não ocorrer, há necessidade de prova testemunhal.

Geralmente a violência é praticada diante de parentes, especialmente filhos menores, o que dificulta a existência deste tipo de prova, pois as testemunhas são

invalidadas pelo laço de parentesco. Por saberem disso, muitos homens procuram espancar as mulheres na cabeça, já que as marcas seriam disfarçadas pelos cabelos. As mulheres são, portanto, vítimas da organização social de gênero que as transformam em quase-propriedades dos homens⁶.

Para Bourdieu (apud Oliveira e Araújo 2010)⁴, a violência resulta da internalização das estruturas históricas de dominação masculina, presentes na sociedade e incorporadas às estruturas cognitivas e sociais de mulheres e homens. A experiência de apreensão do mundo social e de suas divisões arbitrárias começa pela divisão entre os sexos, que, embora construídas socialmente, são vistas como naturais e evidentes, adquirindo, assim, legitimação e reconhecimento, fazendo parte da representação andocêntrica. Socializando em uma cultura machista, o homem julga-se no direito de espancar sua mulher, e esta, por sua vez, é educada para se submeter aos desejos masculinos⁶.

De certa forma, Oliveira e Araújo⁴ justificam porque muitas mulheres não denunciam a agressão sofrida e, mesmo quando o fazem, voltam para os seus companheiros continuando a serem vitimadas. As justificativas para isso são várias: culpa, filhos, família, medo do agressor, dependência econômica e, também, porque as agressões podem ser uma forma de comunicação encontrada pelo casal, na qual “não existe propriamente acordo, entendimento ou negociação de decisões”.

3. RESULTADOS

Técnicas do teatro do oprimido como prática de intervenção psicopedagógica para os alunos do

curso de extensão do UNIFAVIP/WYDEN

O projeto de extensão do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFAVIP/Wyden foi implantado pelo Professor Marcos Pablo Martins Almeida, Psicólogo e Doutorando em Ciências Sociais, no ano de 2010, para os alunos do curso de graduação de Psicologia. O objetivo do projeto era trabalhar as diversidades e dificuldades encontradas na sociedade através das técnicas do Teatro do Oprimido, gerando empatia e mostrando que, através de técnicas específicas, as dores e sabores podem ser “tratados” de maneira coerente e com tamanha sutileza, levando o espectador e praticante da técnica a se colocar no lugar do outro, assumindo, assim, uma intervenção responsável e que mostra através de “relatos fictícios-reais” como amparar um envolvido em processo de dor e sofrimento.

As técnicas utilizadas pelo grupo de extensão do UNIFAVIP são baseadas nas apresentações do Teatro Fórum, modalidade mais difundida por Boal, onde a história contada é baseada em uma história real, vivida por alguém real e o espectador tem a oportunidade de interagir com a peça apresentada e pode, assim, dar o caminho final, que considere correto para ele. Ele pode atuar na peça mostrando o melhor o desfecho para aquela situação, podendo ser em qualquer cena da peça, ele entra no lugar do ator e faz da sua forma aquela interpretação, com suas percepções e reais sobre a temática que esteja sendo abordada naquele momento.

Fotografia 1: registro feito pelo Prof. Marcos Pablo em momentos de encontro do grupo de extensão.



O Professor Marcos Pablo organiza as encenações em 08 encontros:

- Nos 04 primeiros encontros acontecem verificações do público e ambiente que ocorrerão as encenações e, através de algumas técnicas com a desmecanização corporal e da sensibilidade, os envolvidos se descobrem, encontrem a naturalidade do corpo, da voz, da capacidade de improviso, de deslocamento de espaço, entre outras condições e características importantes para que as apresentações fluam com maior naturalidade através deste autoconhecimento;
- Nos 04 últimos encontros, o grupo geralmente faz a escolha das histórias que serão encenadas e que terão maior ênfase e abordagem dentro do cenário de cuidados e humanização das dores e sentimento vividos.
- O último encontro terá a culminância da apresentação do Teatro do Oprimido, com a participação dos atores envolvidos e espectadores que podem fazer intervenções sempre que achem necessário, de acordo com alguma cena apresentada e que possa ser modificada ou até mesmo “melhorada” do ponto de vista de quem participa em observação.

- O grupo participante é estimulado através de situações de opressão, havendo dentro da encenação papéis de opressor e oprimido, sendo levado em consideração temáticas que são sugeridas pelos espectadores e que possam contribuir para a busca por respostas a situações de crise e de como podem ser conduzidas para melhor resolução.

Todo o trabalho, de acordo com o Prof. Pablo, é pautado nas experiências vivenciadas, os alunos do curso de extensão aprendem que não é apenas através de conteúdo teórico que se constrói o caminho para dialogar com pessoas que são expostas a situações de vulnerabilidade, que não se encontram nos livros as respostas para estas situações, e sim nas experiências das quais eles participam ativamente. Por esta razão o grupo não apresenta uma peça pronta para os participantes, para que a construção possa ser um instrumento real de intervenção psicoeducativo.

Esta acaba sendo a grande diferença na atuação do curso, pois os alunos de Psicologia aprendem que a linguagem da arte possui muitas vantagens em relação a linguagem racional, aplicada nas práticas educativas, pois, algumas pessoas se sentem inferiorizadas em relação a outras, pelo fato natural de que algumas tenham mais domínio que outras para falar em grupos ou em público. Através da lógica da linguagem do corpo todos conseguem se expressar à sua maneira, não existe censura e cada um age da melhor forma para trabalhar as inquietudes e colocações que lhes são apresentadas.

E sob uma ótica lúdica, que o teatro proporciona, é possível trabalhar temáticas profundas, de grande intensidade de sentimentos, sejam eles

tensos ou dolorosos, e que geram grande debate. Além de se trabalhar com a maior realidade possível, colocando-se uma lupa sobre as temáticas de forma comprometida, evidenciando que podem ser trabalhadas com a arte e buscando soluções solidárias e práticas humanizadas, que permitam um melhor desenvolvimento da vida social e pessoal.

Fotografia 2: Registro feito pelo Prof. Marcos Pablo em momentos de encontro do grupo de extensão.



O aluno José Carlos Alves Gomes, do curso de Psicologia, do 10º período, participante e atuante das encenações do Teatro do Oprimido nas atividades do curso de extensão do Centro Universitário, também, contribuiu com a análise da utilização da técnica do teatro e desenvolvimento dos alunos do curso.

O Carlos relata que a primeira apresentação que realizou foi no evento InterartPsi, em comemoração ao dia do psicólogo, que aconteceu em agosto de 2015, com a apresentação de um esquete que levantou as temáticas do empoderamento feminino e machismo. O professor Pablo o convidou para que ele e mais alguns alunos formassem um grupo de intervenções artísticas, que pudessem apresentar temáticas através dos jogos e técnicas do teatro do oprimido.

Este grupo de alunos, do qual ele faz parte, faz a utilização das técnicas e dos fundamentos teóricos que Augusto Boals esquematiza em seus escritos, estas são utilizadas para explicitar e tratar os casos de vulnerabilidade e privação de direitos.

Carlos fala sobre os efeitos positivos nesta dinâmica das técnicas de joguê exercícios, promovendo a desmecanização do corpo e de técnicas grupais entre os alunos do curso, favorecendo os espaços de fala físicos e objetivos. Assim as peças de teatro fórum, amplamente usadas para retratar as histórias reais de opressão, torna-se ferramenta potente para discursão de um tema com pontos de vistas diferentes, em relação aos mesmos, pois a plateia também chamada de espect-atores, entra em cena trazendo outras perspectivas em relação aos temas abordados.

Fotografia 3: Registro feito pelo Prof. Marcos Pablo em momentos de encontro do grupo de extensão.



Uma cena que elucida bem a intervenção em relação a violência contra a mulher, foi em um evento no Marco Zero de Caruaru, chamado de Coletivo Comeia, que trouxe ao público uma encenação sobre uma mulher de meia idade, dona de casa, que sofria agressões do esposo. Após a apresentação, quando aberto o espaço para o público interagir,

uma senhora que havia sido confrontada para participação, ainda em receio com o que havia visto não quis interagir falando que não poderia fazer nada contra aquele homem, pois ele poderia agir com tamanha violência e que ali ela não teria força para confrontá-lo.

Fotografia 4: Registro feito pelo Prof. Marcos Pablo em momentos de encontro do grupo de extensão.



Os relatos de José Carlos são importantes para tornar mensurável a compreensão e envolvimento dos alunos, através de temas tão significantes e marcantes, fazendo com que eles reflitam sobre as dificuldades e problemáticas que irão deparar-se ao longo de sua vida profissional, após suas formações.

Outra pessoa que contribuiu de maneira importantíssima, expondo características singulares e de suma importância traçada por este projeto, foi a Professora Mestre, Julliany Valério, Prof.^a de Tempo Integral e responsável pela Coordenação dos Projetos de Extensão do curso de Psicologia do UNIFAVIP I Wyden.

A Prof.^a Julliany relata que o projeto desde o seu início, atua de forma articulada com os alunos extensionistas, e serviços prestados à comunidade. Ela nota que os alunos são impulsionados a participar de reuniões com Gestores e

Técnicos do CRA'S (Centro de Referência e Assistência Social) e CREA'S (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), de Caruaru. E, os processos de territorialização entre as instituições parceiras e o grupo de extensão acontece numa relação processual e cuidadosa, de tal maneira que favoreça à inserção do aluno na comunidade e o cuidado com o público a ser acompanhado.

Fotografia 5: Registro feito pelo Prof. Marcos Pablo em momentos de encontro do grupo de extensão.



A partir da prática do grupo de extensão, com o projeto Teatro do Oprimido, a Prof.^a percebe que as mulheres inseridas em contextos de violência doméstica e/ou familiar, podem vivenciar às oficinas e participar de todas as etapas previstas para a produção de cenas de teatro-fórum, que são executadas a partir da relação de sentidos e significados que cada mulher participante exprime durante a experiência que está sendo representada.

Julliany afirma que a partir dos relatos dos alunos participantes, por meio das oficinas, as mulheres refletem sobre o seu lugar na relação e sobre sua condição de vida atual. Através das vivências as mulheres passam a identificar elementos psicossociais que estão disponíveis e que poderão favorecer a sua autoestima,

autonomia e gestão da própria vida. A professora conclui que os alunos participantes apresentam uma postura ética e humanizada, principalmente, na relação empática que eles estabelecem com as mulheres durante a realização do Teatro Fórum.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o grupo de extensão do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFAVIP I Wyden, a utilização das técnicas de jogos e propostas educacionais oriundas do “movimento do oprimido” contribui, molda, ressignifica e valoriza a atuação destes estudantes como agentes de transformação e realidade dos pacientes que estão em acompanhamento. Dando sentido ao “tratamento da vida e do ser”, promovendo um olhar mais humanista às causas e reafirmando a importância das técnicas utilizadas pelo Teatro do Oprimido, para solidificação do ensino-aprendizagem que ao longo destes anos, com a constante utilização e aplicação do movimento, só aprimora e o promove como um desenvolvedor de uma visão humanística, onde aponta a importância e cuidado ao ser humano envolvido nos processos.

As técnicas do Teatro do Oprimido, também, promovem um novo sentido a todos aqueles que necessitam de apoio moral ou físico para vencer as dificuldades encontradas para superar obstáculos como a violência que diversas mulheres sofrem em seus ambientes familiares. Mostrando o poder que o olhar diferenciado e uma “voz ativa” poderá transformar realidades. Além de reforçar a importância, entre os alunos do curso, que ministram as problemáticas do curso de extensão, como estes jogos e encenações

são fundamentais e modificam vidas, pensamentos e comportamentos.

REFERÊNCIAS

1. BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
2. BOAL, A. **Técnicas Latino-Americanas de teatro popular: uma revolução copernicana ao contrário**. São Paulo: Hucite, 1979.
3. BOAL, A. **Teatro legislativo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
4. OLIVEIRA, E. C S.; ARAÚJO, M. F. Violência contra a mulher, psicanálise e teatro do oprimido. In: **Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**; 9; 2010; Santa Catarina. Santa Catarina: UFSC, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/recursos/anais/1277149236_ARQUIVO_Violenciacontraamulher.pdf. Acesso em: 20 maio 2019.
5. SAFFIOTI, H. **Violência de Gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
6. SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.